

AGENDA 2020

NOVA ERA

Jogos do Rio marcam transição olímpica

VICTOR COSTA
victor.costa@oglobo.com.br

Enquanto o povo brasileiro preenchia as ruas ao som de "não vai ter Copa" em muitas das manifestações que marcaram os anos de 2013 e 2014, os cabeças do Comitê Olímpico Internacional (COI) articulavam. O objetivo dos dirigentes era moldar um novo formato dos Jogos — incluindo uma revolução de conceitos sobre o megaevento — que desse mais credibilidade junto à população local e mundial. O resultado foi a criação da Agenda 2020 e suas 40 recomendações, que mudam radicalmente a maneira de se fazer e pensar as Olimpíadas. Sai a megalomania e entram a utilidade, a transparência e a igualdade em um grau ainda inimaginável.

— O Rio de Janeiro está fazendo Jogos Olímpicos do passado. Esse modelo no qual a cidade precisa ser totalmente transformada com construções megalomânicas para receber o megaevento morre com os cariocas. Depois de 2016, não existirá mais o termo "cidade olímpica". De acordo com a agenda, serão as Olimpíadas que terão de se adaptar às peculiaridades de cada sede. E não o contrário, como é hoje. Isso por si só já é uma mudança de paradigma muito grande — afirma Lamartine da Costa, um dos principais pesquisadores sobre o movimento olímpico no mundo e membro de honra do Comitê Internacional Pierre de Coubertin (que é vinculado ao COI). — A Agenda 2020 foi aprovada ano passado, as pessoas noticiaram, mas parece que o público não se deu conta do tamanho dessa transformação. No Brasil, não se discute a agenda.

A Agenda 2020 é uma compilação de mais de 40 mil sugestões feitas por membros do COI para fazer com que os Jogos acompanhem uma



Vista aérea. O Parque Olímpico que está sendo construído numa área de 1,18 milhão de metros quadrados na Barra

tendência mundial de sustentabilidade em nível social, ambiental, econômico, cultural e político. Sua origem tem três pilares que podem coincidir. Um deles se apoia em estudos de mídia que apontam o cada vez maior desinteresse dos jovens no megaevento. O segundo é a rejeição de moradores em querer receber as Olimpíadas. Forte candidata para receber o megaevento em 2024, Boston pulou fora. E, no fim de novembro, um referendo em Hamburgo fez a cidade alemã também desistir da candidatura. Antes de Pequim ser anunciada sede dos Jogos de Inverno, em 2022, outras quatro cidades abandonaram a candidatura no meio.

O terceiro pilar, que é também uma das causas para os outros dois já citados, está ligado à falta de credibilidade e transparência na movimentação de uma grande quantidade de dinheiro para a realização do megaevento. Segundo Lamartine, referências às manifestações no Brasil durante a Copa de 2014, escândalos de corrupção nos Jogos de Inverno de Sochi (na Rússia, também em 2014) e o esquema de compra de votos para levar a Copa de 2006 à Alemanha são

citados com frequência nas pesquisas desenvolvidas pelo COI para entender a desconfiança em torno dos megaeventos esportivos.

"Sim, estes são tempos difíceis para o esporte. Mas sim, também são uma oportunidade para renovar a confiança no poder que o esporte tem de mudar o mundo para melhor", afirmou Thomas Bach, presidente do COI, em uma carta escrita no início de dezembro para analisar o primeiro aniversário da Agenda 2020.

Neste novo cenário dos Jogos, diz Lamartine, não devem mais existir parques olímpicos ou vila dos atletas, por serem construções dificilmente acompanhadas de uma gestão sustentável no pós-Jogos. A tendência é que essas duas instalações passem a ser subdivididas. Para isso, o natural é que o megaevento seja realizado em mais de uma cidade ou em megalópoles, como é o caso de Tóquio. Para 2024, entre as candidatas, Paris talvez seja a que mais se aproxime desse novo modelo de Jogos.

— Escutamos dizer que Tóquio já está com tudo pronto para receber os Jogos apesar de faltar mais de quatro anos. Mas a grande verdade é que Tóquio só foi escolhida porque já atendia a muitos pontos da agenda e, por isso, estava pronta — afirma o historiador.

LAÇO COM LIGAS PROFISSIONAIS

Alguns pontos da Agenda ainda são utópicos. Em uma das recomendações é pedido que os atletas passem a fazer cada vez mais parte da organização do megaevento, mas não indica o caminho a ser seguido. Outro diz respeito à igualdade de gêneros, com competições que homem e mulheres possam disputar juntos. Algo neste sentido já foi visto no último Mundial de Desportos Aquáticos (Kazan-2015), com os duetos mistos no nado sincronizado. A Regra 6 da Carta Olímpica, que proíbe preconceito contra atletas, foi reforçada na agenda, motivada pelas ações em Sochi-2014 contra homossexuais.

A questão de dopagem também foi bastante discutida. Os culpados serão punidos com mais rigor, e passa a haver uma maior valorização dos atletas limpos — como o direito à cerimônia de premiação na próxima edição para os que herdarem uma medalha de um atleta dopado.

Outro ponto que muda radicalmente o formato dos Jogos é o fortalecimento de vínculos com ligas profissionais, não dando exclusividade apenas aos esportes que possuem federações internacionais. Este são os casos do skate e do surfe, por exemplo.

Apesar de o Rio ser a última sede a receber este modelo antigo dos Jogos, esta foi uma excelente chance para que a cidade volte a receber o megaevento no futuro, já que o modelo antigo obrigou a construção das instalações. No entanto, urge que um plano de gestão sustentável dê continuidade eficiente ao que está sendo feito para 2016. ●





CAMINHOS PARA
O FUTURO

APRESENTA

INFORME PUBLICITÁRIO

DA ÁGUA PARA A

NUVEM

A ANÁLISE DE BIG DATA CHEGA AO DIA A DIA DOS TREINOS DA CANOAGEM BRASILEIRA, DE OLHO NOS JOGOS DO RIO 2016. A TECNOLOGIA PODE AJUDAR A MUDAR A HISTÓRIA DO ESPORTE NO PAÍS.

Desde os Jogos Pan-Americanos de Toronto, em julho, a Canoagem Brasileira tem ganhado um espaço especial no coração do torcedor. No Canadá, foram 14 medalhas, quase um décimo das 141 conquistadas pela delegação nacional – em número de pódios, ficou atrás apenas da Natação, e à frente do Atletismo e do Judô. E o show continuou no mês seguinte, no Mundial de Milão: lá, Erlon de Souza e Isaquias Queiroz foram campeões na categoria C2 1000 metros, nosso primeiro ouro numa prova olímpica da modalidade.

Essa sequência de resultados históricos é fruto de muito talento e suor, mas também de pesquisa e tecnologia. A Confederação Brasileira de Canoagem (CBCa) tem um Departamento de Ciências do Esporte há 5 anos, dirigido pelo fisiologista Dr. Heros Ferreira. Em abril, essa área ganhou apoio e expertise tecnológica quando a GE anunciou seu patrocínio à Canoagem Brasileira. Nos últimos meses, a empresa está desenvolvendo e testando – e deve lançar em novembro – uma tecnologia que colhe dados sobre o desempenho dos atletas durante os treinamentos, e os transmite em tempo real para o treinador, que pode usá-los para orientá-los enquanto ainda estão na água.

“A tecnologia está sendo desenvolvida para que todas as informações captadas sejam transmitidas para um sistema central armazenado na nuvem, que opera sobre a plataforma de Internet Industrial da GE”, explica Marcelo Blois, líder da área de Software & Produtividade do Centro de Pesquisas Global da GE no Brasil. “Lá, ele armazena e cruza todos os dados automaticamente, oferecendo ao técnico uma análise completa e a fácil visualização das informações”, finaliza. Os técnicos poderão usar esses registros, por exemplo, para selecionar os ocupantes de uma embarcação coletiva – cada posição no barco precisa de características específicas de remada, que podem ser buscadas no banco de dados. “Sem a GE, levaríamos três ou quatro anos para desenvolver uma tecnologia semelhante”, afirma o Dr. Heros Ferreira.

Os softwares estão sendo criados no Centro de Pesquisas Global da GE, no Brasil. “A companhia optou por patrocinar um esporte em ascensão, que já tinha um DNA de inovação, e fazer isso de maneira inédita”, explica Blois. “Pela primeira vez, os cientistas da GE trabalham com uma pesquisa na área de Big Data para melhorar o potencial esportivo de atletas olímpicos e paralímpicos.”

Já os equipamentos que compõem o sistema são bastante usuais. Cada embarcação levará um smartphone, que precisa ter um ótimo GPS, para atuar como acelerômetro e giroscópio – medindo velocidade, aceleração, inclinação do barco, número de remadas e força aplicada pelo atleta. Ele envia as informações para a nuvem usando a internet móvel e o técnico conseguir ver os dados em tempo real durante o treino em um tablet. No corpo do atleta vai um monitor cardíaco, integrado ao celular via Bluetooth.

Patrocinadora global dos Jogos Olímpicos desde 2005, a GE tem tradição de apoiar pelo menos uma equipe do países-sede. Foi assim com o Triatlon britânico nos Jogos de Londres 2012, e com o Snowboarding e o Esqui da Rússia, em Sochi 2014.

A parceria com a Canoagem Brasileira, entretanto, é a primeira a usar pesquisa de ponta na área de Big Data, o que a coloca na vanguarda da modalidade. “Há mais de dez anos vou a campeonatos internacionais. Não existe no mundo nada parecido em termos de análise de dados ou de transmissão em tempo real com o que estamos fazendo na Canoagem Brasileira”, diz Ferreira. Parte importante do sucesso do projeto deve-se à colaboração direta e próxima entre os pesquisadores e os técnicos, em especial Jesus Morlán, responsável pela preparação dos atletas de elite da Canoagem Velocidade.

Em Londres e Sochi, as equipes patrocinadas pela GE ganharam suas primeiras medalhas olímpicas. A expectativa é que isso se repita com a Canoagem Brasileira. Mas essa parceria pode ser o marco de um longo ciclo de desenvolvimento do esporte no país – por isso a aposta dos pesquisadores em equipamentos disponíveis no mercado, que poderão ser adotados não só pela seleção, mas também pelos clubes. “Criar o hábito de analisar dados cientificamente pode ser a nossa grande revolução na Canoagem”, completa Heros.